

SPQR

LIMA HISTÓRIA
DA ROMA
ANTIGA

MARY
BEARD

Tradução
LUIS REYES GIL

CRÍTICA

Copyright © Mary Beard Publications, 2015
 Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
 Todos os direitos reservados.
 Título original: *SPQR: a history of ancient Rome*

Coordenação editorial: Sandra R. E. Espiloro
 Preparação: Tiago Ferno
 Revisão: Carmen L. S. Costa e Juliana Rodrigues Araújo
 Diagramação: A2
 Imagens de capa: © iStock
 Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Peter Dyer

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
 SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

8511

Beard, Mary

SPQR : uma história de Roma antiga / Mary Beard ; (introdução Lúcia Reys Gil).
 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2017.

Tradução de SPQR
 ISBN 978-85-422-0940-2

1. Roma - Política e governo. 2. Roma - Condições sociais. 3. Roma - História.
 I. Gil, Lúcia Reys. II. Titm.

17-39637

CDU: 937
 CDU: 94(37)

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
 e impresso pela RIR Dunsmuir para a
 Editora Planeta do Brasil em fevereiro de 2017.

2017
 Todos os direitos desta edição reservados à
 EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
 Rua Padre João Manuel, 106 - 2.º andar
 Ed. Horsa II - Cerqueira César
 01411-000 - São Paulo/SP
 www.planetadelivros.com.br
 atendimento@editora-planeta.com.br

SUMÁRIO

MAPAS	9
PRÓLOGO: A HISTÓRIA DE ROMA	17
1 O MELHOR MOMENTO DE CÍCERO	23
2 PRIMÓRDIOS	55
3 OS REIS DE ROMA	91
4 O GRANDE SALTO ADIANTE DE ROMA	129
5 UM MUNDO MAIOR	167
6 A NOVA POLÍTICA	205
7 DO IMPÉRIO AOS IMPERADORES	249
8 O FRONTE DOMÉSTICO	293
9 AS TRANSFORMAÇÕES DE AUGUSTO	333
10 CATONZE IMPERADORES	381
11 OS QUE TÊM E OS QUE NÃO TÊM	429
12 ROMA FORA DE ROMA	467
EPÍLOGO: O PRIMEIRO MILÊNIO ROMANO	515

debate. Esse momento proporciona a melhor introdução a alguns dos personagens-chave da Roma Antiga, à riqueza das discussões dos romanos a respeito de seu próprio passado e às maneiras pelas quais nós continuamos a retomá-lo para tentar entendê-lo — e às razões pelas quais a história de Roma, seu Senado e seu Povo ainda são importantes.

Capítulo 1

O melhor momento de Cícero

SPQR: 63 a.C.

Nossa história da Roma Antiga começa em meados do século 1 a.C., mais de seiscentos anos após a fundação da cidade. Começa com promessas de revolução, com uma conspiração terrorista para destruir a cidade, com operações secretas e arengas públicas, com uma batalha entre romanos e romanos, e com cidadãos (Inocentes ou não) sendo rodeados e sumariamente executados em nome da segurança do país. O ano é 63 a.C. Num dos lados está Lúcio Sêrgio Catilina [Lucius Sergius Catilina], um aristocrata descontente, falido e mentor de uma conspiração, era o que se acreditava, para assassinar as autoridades eleitas de Roma e incendiar a cidade — cancelando com isso todas as dívidas, tanto dos ricos quanto dos pobres. Do outro lado está Marco Túlio Cícero [Marcus Tullius Cicero] (apenas Cícero a partir de agora), o famoso orador, filósofo, sacerdote, poeta, político, inteligente e piadista, um dos marcados para ser assassinado — e um homem que nunca parou de usar seu talento retórico para se gabar de como havia descoberto o terrível plano de Catilina e salvado o Estado. Esse foi seu melhor momento.

Em 63 a.C., a cidade de Roma era uma grande metrópole com mais de 1 milhão de habitantes, maior do que qualquer outra da

Europa antes do século XIX; e, embora até aquele momento não tivesse imperadores, governava um Império que se estendia da Espanha à Síria, do sul da França ao Saara. Era uma vasta mistura de luxo e lixo, liberdade e exploração, orgulho cívico e guerra civil mortífera. Nos próximos capítulos vamos lançar nosso olhar mais para trás, para os primórdios do período romano e para as primeiras aventuras, beligerantes ou de outro tipo, do povo romano. Vamos pensar sobre o que está por trás de algumas daquelas histórias da Roma primordial que ainda causam impacto hoje, de "Rômulo e Remo" ao "Rapto de Lúcrécia". E fazer perguntas que os historiadores têm feito desde a Antiguidade. Afinal, como e por que uma cidadezinha comum no centro da Itália cresceu e ficou tão maior do que qualquer outra cidade no antigo Mediterrâneo e chegou a comandar um Império tão vasto? O que os romanos tinham de especial, se é que tinham algo? Mas, tratando-se da história de Roma, faz pouco sentido começar do princípio de tudo.

Só podemos começar a explorar Roma de perto e com detalhes eloquentes, por meio do olhar contemporâneo, a partir do século 1 a.C. Sobrevive desse período uma extraordinária riqueza de palavras: cartas privadas, discursos públicos, filosofia e poesia — épica e erótica, erudita e popular. Graças a tudo isso, podemos ainda acompanhar as maquinacões cotidianas das grandes figuras políticas de Roma, espreitar suas barganhas e negociações e ter um vislumbre das suas punhaladas pelas costas, metafóricas e literais. Até mesmo ter uma noção de suas vidas privadas: as desavenças conjugais, os problemas com dinheiro, a dor diante da morte de um filho ou, às vezes, de seus amados escravos. Não há nenhum período anterior da história do Ocidente que possa ser conhecido tão bem ou tão intimamente (não temos nada próximo dessa rica e variada evidência a respeito da Atenas clássica). Só depois de mais de um milênio, no mundo da Florença renascentista, é que encontramos outro lugar que é possível novamente de ser conhecido com esse grau de detalhe.

Mais ainda, foi durante o século 1 a.C. que os próprios escritores romanos começaram a estudar sistematicamente os séculos anteriores de sua cidade e do seu Império. A curiosidade sobre o passado de

Roma certamente recua mais no tempo; podemos também ler, por exemplo, uma análise de como a cidade ganhou poder, escrita por um residente grego em meados do século II a.C. Mas foi apenas a partir do século 1 a.C. que eruditos e críticos romanos começaram a propor muitas das questões históricas que ainda levantamos hoje. Por meio de um processo que juntou a pesquisa erudita com uma boa dose de construção e invenção, eles montaram uma versão da Roma primordial na qual confiamos ainda hoje. Continuamos vendo a história romana, ao menos em parte, segundo a visão do século 1 a.C. Ou, em outras palavras, foi nesse ponto que a *história* romana, como a conhecemos, começou.

O ano 63 a.C. é significativo nesse século crucial. Foi uma época de quase desastre para a cidade. Ao longo dos mil anos que vamos explorar neste livro, Roma enfrentou muitos perigos e muitas derrotas. Por exemplo, por volta de 390 a.C., um grupo armado de gauleses saqueadores ocupou a cidade. Em 218 a.C., o chefe guerreiro cartaginês Aníbal cruzou os Alpes com seus 37 elefantes e infligiu terríveis perdas aos romanos antes que estes conseguissem rechaçá-lo. As estimativas de mortes na Batalha de Canas em 216 a.C., de 70 mil mortos numa única tarde, fazem dela um massacre tão grande quanto Gettysburg ou o primeiro dia da Batalha do Somme, talvez até maior. E, algo quase tão assustador na imaginação romana, na década de 70 a.C., uma força improvisada de ex-gladadores e fugitivos, sob o comando de Espártaco, mostrou estar mais do que à altura para enfrentar algumas legiões mal treinadas. Os romanos nunca foram tão invencíveis em batalha como tendemos a supor, ou como eles gostavam de fazer crer. Em 63 a.C., no entanto, tiveram que enfrentar o inimigo interno, uma conspiração terrorista no cerne do *establishment* romano.

A história dessa crise ainda pode ser rastreada em detalhes, dia a dia, às vezes hora a hora. Sabemos precisamente onde boa parte dela aconteceu, e em alguns poucos lugares ainda podemos olhar hoje para os mesmos monumentos que estavam presentes na cena em 63 a.C. Temos como acompanhar as ações secretas que deram a Cícero informações sobre a conspiração e ver como Catilina foi expulso

da cidade ao encontro de seu exército improvisado ao norte de Roma, e levado à batalha contra as legiões romanas oficiais que lhe custou a vida. Podemos também vislumbrar algumas das discussões, controvérsias e questões mais amplas que a crise levantou e ainda levanta. A dura reação de Cícero — incluindo execuções sumárias — colocou de maneira cabal questões que nos preocupam ainda hoje. Será legítimo eliminar “terroristas” à margem dos devidos processos legais? O quanto os direitos civis devem ser sacrificados em nome dos interesses da segurança interna?

Os romanos nunca pararam de debater “A conspiração de Catilina”, como ficou conhecida. Será que Catilina era totalmente perverso, ou haveria algo a dizer a seu favor para atenuar o que fez? A que preço a revolução foi evitada? Os eventos de 63 a.C., e as expressões criadas na época, continuaram a ecoar por toda a história do Ocidente. Algumas das palavras ditas nos tensos debates que se seguiram à descoberta da conspiração ainda encontram lugar em nossa retórica política e ainda são, como podemos ver, ostentadas em faixas e cartazes, e até nos *Twitter*, dos protestos políticos modernos.

Quaisquer que tenham sido seus acertos e erros, “A Conspiração” nos leva ao centro da vida política romana do século I a.C., às suas convenções, suas controvérsias e aos seus conflitos. Ao fazer isso, permite-nos ver em ação o “Senado” e o “Povo Romano” — as duas instituições cujos nomes estão incorporados ao título deste livro: *SPQR (Senatus PopulusQue Romanus)*. Individualmente, e às vezes em feroz oposição, essas eram as principais fontes da autoridade política na Roma do século I a.C. Juntas formavam um slogan abreviado do poder legítimo do Estado romano, um slogan que atravessou toda a história de Roma e continua a ser usado na Itália no século XXI. De modo ainda mais disseminado, o Senado (sem o *PopulusQue Romanus*) emprestou seu nome às assembleias legislativas modernas por todo o mundo, dos Estados Unidos à Ruanda.

O elenco de personagens da crise inclui algumas das mais famosas figuras da história romana. Caio Júlio César [Gaius Julius Caesar], então com trinta anos, fez uma contribuição radical ao debate sobre como punir os conspiradores. Marco Licínio Crasso [Marcus



1. Os robustos arcos e colunas do “*Tabularium*”, encravado no palazzo de Michelangelo acima dele, ainda são o principal marco de um dos extremos do Fórum romano. Construído apenas duas décadas antes de Cícero ser nomeado cônsul em 63 a.C., deve ter parecido na época um dos mais esplêndidos avanços da arquitetura. Sua função é menos óbvia. Era sem dúvida algum tipo de edifício público, mas não necessariamente o “escritório de registros” (*tabularium*), como se supõe muitas vezes.

Licinius Crassus], o plutocrata romano que fez a famosa observação de que você não pode julgar alguém como rico se ele não tiver dinheiro para montar o próprio exército particular, desempenhou algum papel misterioso nos bastidores. Mas no centro do palco, como principal adversário de Catilina, encontramos uma pessoa à quem é possível conhecer melhor do que os outros em todo o mundo antigo. Os discursos, ensaios, cartas, piadas e poesias de Cícero ainda enchem hoje dezenas de volumes impressos. Não há ninguém mais na Antiguidade, até chegarmos a Agostinho, 450 anos depois — santo cristão, teólogo prolífico e ávido auto-observador —, cuja vida esteja documentada de forma pública e privada o suficiente para sermos capazes de reconstruir uma biografia plausível em termos modernos. E é em grande parte por meio dos escritos de Cícero, de seus pontos de vista e seus preconceitos, que vemos o mundo romano do século I a.C. e muito da história da cidade até a época



2. SPQR ainda está inscrito pela cidade de Roma — em tudo, desde tampas de bueiros até latas de lixo. Ela remonta à época em que Cícero viveu, e é uma das siglas mais duradouras da história. Como seria de esperar, deu lugar a paródias. “Sono Pazzi Questi Romani” é uma das favoritas dos italianos: “São malucos esses romanos”.

dele. O ano 63 a.C. foi o ponto de virada na sua carreira: pois as coisas nunca mais foram tão boas para Cícero. Sua trajetória terminou vinte anos mais tarde em fracasso. Ainda confiava na própria importância, era ocasionalmente um nome lembrado, mas não ocupava mais a linha de frente, e foi assassinado durante as guerras civis que eclodiram após o assassinato de Júlio César em 44 a.C. — com sua cabeça e a mão direita pregadas no centro de Roma à vista de todos, para serem desfiguradas e mutiladas.

A pavorosa morte de Cícero pressagiou uma revolução ainda maior no século I a.C., que se iniciou com uma forma de poder político popular, embora ainda não exatamente uma “democracia”, e terminou com um autocrata no trono e o Império Romano sob o governo de um homem. Embora Cícero possa ter “salvado o Estado” em 63 a.C., a verdade é que o Estado, na forma em que ele o havia conhecido, não iria durar muito. Havia outra revolução no horizonte, que seria mais bem-sucedida que a de Catilina. Ao “Senado e Povo Romano” foi logo acrescentada a figura arrogante do “imperador”, corporificada na série de autocratas que passaram a fazer

parte da história do Ocidente, lisonjeados e insultados, obedecidos e ignorados, por séculos. Mas esta é uma história da qual *SPQR* vai tratar mais tarde. Por enquanto, devemos assentar os pés em um dos episódios mais memoráveis, substanciais e reveladores de toda a história romana.

Cícero versus Catilina

O conflito entre Cícero e Catilina foi em parte um choque marcado por ideologia política e ambição, mas também um choque entre homens de históricos muito diferentes. Ambos estavam no topo, ou bem perto dele, da política romana; mas a similaridade termina aqui. Na realidade, suas carreiras contrastantes oferecem uma ilustração vívida do quanto podia ser diversificada a vida política em Roma no século I a.C.

Catilina, o possível revolucionário, teve, tanto na vida quanto na política, o início mais convencional, mais privilegiado e aparentemente mais seguro possível. Provenha de uma velha e distinta família cuja linhagem remontava séculos até os míticos pais fundadores de Roma. Contava-se que seu ancestral Sergestus [Sergestus] havia fugido do leste da Itália junto com Eneias após a Guerra de Troia, antes mesmo da existência da cidade de Roma. Entre seus antepassados de sangue azul, seu bisavô havia sido um herói da guerra contra Aníbal, com o mérito adicional de ter sido o primeiro homem de que se tem notícia a entrar em combate com uma prótese de mão — provavelmente apenas um gancho de metal em lugar da mão direita, perdida em combate. O próprio Catilina teve um início de carreira bem-sucedido e foi eleito para uma série de cargos políticos menores, mas em 63 a.C. estava próximo da falência. Foram-lhe atribuídos vários crimes, desde o assassinato da sua primeira esposa e do próprio filho até relações sexuais com uma sacerdotisa virgem. Mas quaisquer que fossem seus custosos vícios, seus problemas financeiros decorriam parcialmente de suas repetidas tentativas de vencer eleições para se tornar um dos dois cônsules, os postos políticos mais poderosos da cidade.

Uma campanha eleitoral em Roma podia ser um negócio dispendioso. Por volta do século I a.C. exigia o tipo de generosidade

pródiga que nem sempre é fácil de distinguir do suborno. As apostas eram altas. Aqueles que fossem bem-sucedidos nas eleições tinham a oportunidade de recuperar seu desembolso, legal ou ilegalmente, por meio de algumas das regalias do cargo. Os fracassados — e, como no caso das derrotas militares, havia mais gente nessa condição em Roma do que geralmente se admite — afundavam-se ainda mais em dívidas.

Era esse o caso de Catilina, depois de ter sido derrotado nas eleições anuais para o consulado tanto em 64 quanto em 63 a.C. Embora a história usual seja que ele já vinha antes se inclinando nessa direção, agora tinha pouca alternativa exceto recorrer à "revolução", à "ação direta" ou ao "terrorismo", o nome que você quiser dar. Juntando forças com outros desesperados da classe alta em apertos similares, ele buscou dentro da cidade o apoio dos pobres descontentes, enquanto reunia fora dela seu exército improvisado. E não havia fim para as suas irrefletidas promessas de perdão da dívida (uma das formas de radicalismo mais desprezíveis aos olhos das classes romanas proprietárias de terras) ou de suas graves ameaças de destruir os políticos no poder e incendiar a cidade inteira.

Ou pelo menos era assim que Cícero, um dos que acreditavam estar na mira dele para ser destruído, resumia as motivações e objetivos de seu adversário. Ele tinha procedência muito diferente da de Catilina. Descendia de ricos proprietários de terra, como todos os políticos romanos de alto nível. Mas suas origens ficavam fora da capital, na pequena cidade de Arpinum, a cerca de cem quilômetros de Roma, ou seja, pelo menos um dia de jornada na antiga velocidade de viagem. Embora deveriam ter sido proeminentes na sua região, nenhum membro de sua família tinha participado da cena política romana. Sem nenhuma das vantagens de Catilina, Cícero confiava em seus talentos de nascença, nos preciosos contatos que cultivava com assiduidade — e em saber ascender por meio da palavra. Ou seja, seu principal mérito era como advogado brilhante nos tribunais romanos; e o status de celebridade e os apoiadores de prestígio que isso lhe proporcionou permitiram-lhe ser eleito com facilidade para a obrigatória série de pequenos cargos,

do mesmo modo que Catilina. Mas em 64 a.C., Catilina fracassou e Cícero foi bem-sucedido em ganhar a corrida para o consulado do ano seguinte.

Esse supremo sucesso não foi uma conclusão inquestionável. Apesar de toda a sua celebridade, Cícero enfrentava a desvantagem de ser um "homem novo", que era como os romanos chamavam os que não tinham ancestralidade política, e a certa altura ele parece ter considerado a possibilidade de fazer um pacto eleitoral com Catilina, apesar da reputação duvidosa deste. Mas, no final, os eleitores influentes foram decisivos. O sistema eleitoral romano, abertamente e sem o menor pejo, dava peso maior aos votos dos ricos; e muitos deles devem ter concluído que Cícero era uma opção melhor do que Catilina, qualquer que fosse seu desdém esnobe pelo seu "noviciado". Alguns de seus rivais diziam que era um mero "inquilino" de Roma, um "cidadão em meio expediente", mas ele venceu o pleito. Catilina acabou no mal-sucedido terceiro lugar. Em segundo, eleito como o outro cônsul, ficou Caio Antônio Híbrida [Gaius Antonius Hybrida], tão de um mais famoso Antônio ("Marco Antônio"), cuja reputação revelou-se não muito melhor que a de Catilina.

Por volta do verão de 63 a.C., Cícero parece ter se dado conta do nítido perigo representado por Catilina, que de novo tentava a sorte como candidato. Usando sua autoridade de cônsul, Cícero adiou o turno seguinte de eleições, e quando finalmente deixou que elas prosseguissem, apareceu no dia da apuração com uma guarda armada e vestindo um colete de metal militar visível por baixo de sua toga. Foi um gesto histriônico, e a combinação de vestes civis e militares souou de uma incongruência alarmante, como se hoje um político entrasse na câmara vestindo um terno e com uma metralhadora pendurada no ombro. Mas funcionou. Essas táticas de intimidação, e o programa vociferantemente populista de Catilina, garantiram que ele fosse novamente derrotado. O fato de ele se apresentar como um arruinado que defendia outros arruinados dificilmente despertaria apreço entre os eleitores da elite.

Logo após as eleições, em algum ponto do início do outono, Cícero começou a receber informações mais precisas sobre uma

conspiração violenta. Por longo tempo havia obtido alguns dados por meio da namorada de um dos "cúmplices" de Catilina, uma mulher de nome Fulvia, que de certo modo se tornara um agente duplo. Agora, graças a mais um ato de traição do outro lado, e tendo o rico Marco Crasso como intermediário, Cícero obteve um maço de cartas que incriminavam diretamente Catilina e se referiam ao terrível banho de sangue que estava sendo planejado — informação que logo foi complementada por relatos confirmados de que havia forças armadas reunidas ao norte da cidade em apoio à insurreição.

Finalmente, depois de ter evitado uma tentativa de assassinato planejada para 7 de novembro, graças a uma informação vazada por Fulvia, Cícero convocou uma reunião do Senado para o dia seguinte, na qual ele pudesse formalmente denunciar Catilina e intimá-lo a sair de Roma. Os senadores já haviam, em outubro, emitido um decreto encorajando (ou permitindo) que Cícero, como cônsul, "garantissem que o Estado não sofreria nenhum dano", o equivalente antigo da atual lei de "poderes emergenciais" ou de "prevenção ao terrorismo", e não menos controverso. Então, em 8 de novembro, eles ouviram Cícero expor toda a acusação contra Catilina, em um ataque virulento e bem fundamentado. Foi uma maravilhosa mistura de fúria, indignação, autoerótica e fatos consistentes. Em um primeiro momento ele lembrou aos presentes o notório passado de Catilina; no instante seguinte, ardisadamente se dizia arrependido por não ter reagido ao perigo rapidamente; mais adiante, revelava detalhes precisos sobre a conspiração — na casa de quem os conspiradores haviam se reunido, em que datas, quem estava envolvido e quais eram exatamente seus planos. Catilina comparecera para enfrentar pessoalmente a denúncia. Ele pediu aos senadores que não acreditassem em tudo o que lhes estava sendo dito e zombou algumas vezes da modesta origem de Cícero, comparada com os seus distintos ancestrais de esplêndidas realizações. Mas deve ter sentido que estava perdido. Naquela noite, abandonou a cidade.

No Senado

Esse encontro diante do Senado entre Cícero e Catilina é o momento que define toda história: os dois adversários frente a frente em uma instituição central da política romana. Mas como devemos imaginá-lo? A mais famosa tentativa moderna de trazer para diante de nossos olhos o que aconteceu naquele 8 de novembro é um quadro do pintor italiano do século XIX Cesare Maccari. É uma imagem que confirma muitas das nossas ideias preconcebidas a respeito da Roma Antiga e de sua vida pública majestosa, espaçosa, formal e elegante.

Também é uma imagem com a qual Cícero certamente teria se deleitado. Catilina está sentado, isolado, cabeça baixa, como se ninguém quisesse arriscar chegar perto dele, e menos ainda dirigir-lhe a palavra. Cícero, enquanto isso, é o astro da cena, em pé, perto do que parece ser um brasero fumacento diante de um altar, discursando para uma atenta plateia de senadores com suas togas. As roupas romanas do dia a dia — túnicas, capas e ocasionalmente até calças — eram bem mais variadas e coloridas do que isso. As togas, porém, eram a veste formal, nacional: os romanos podiam definir-se como *gens togata*, "o povo que usa toga", embora alguns estrangeiros daquela época às vezes rissem dessa veste estranha, desajeitada. E as togas eram brancas, com o acréscimo de uma bainha roxa para aqueles que



3. Na pintura de Maccari da cena no Senado, Cícero está falando com toda a eloquência, sem apoio de anotações. A obra capta muito bem uma das aspirações definidoras da elite romana: ser um "bom homem, hábil com as palavras" (*vir bonus dicendi peritus*).

tivessem um cargo público. Na realidade, a palavra atual "candidato" deriva do latim *candidatus*, que significa "branqueado", e se refere às togas especialmente branqueadas que os romanos usavam durante as campanhas eleitorais, para impressionar os eleitores. Num mundo em que o status precisava ficar à mostra, as sutilezas de vestimenta iam além: havia também uma ampla faixa roxa nas tônicas dos senadores, usada por baixo da toga, e outra um pouco mais escura se você fizesse parte da hierarquia imediatamente abaixo na sociedade romana, a de "equestre" ou "cavaleiro", e sapatos especiais para ambas as hierarquias.

Maccari captou bem as belas togas dos senadores, embora pareça ter esquecido daquelas bainhas, carregadas de sentido. Mas em quase todos os outros aspectos, sua pintura não é mais do que uma sedutora fantasia sobre aquela ocasião e ambiente. Para começar, Cícero é mostrado como um estadista idoso de cabelos brancos, e Catilina como um jovem vilão temperamental, quando na realidade ambos estavam na casa dos quarenta anos, e Catilina era uns dois anos mais velho que Cícero. Além disso, esse retrato da reunião tem pouca gente; mal dá para ver cinquenta senadores ouvindo seu importante discurso.

Em meados do século 1 a.C., o Senado era um corpo de uns seiscentos membros; eram todos homens, que haviam sido anteriormente eleitos para cargos políticos (e, repito, *todos homens* — nenhuma mulher jamais teve cargo político na Roma Antiga). Qualquer um que tivesse ocupado um cargo menor, como o de questor, dos quais eram eleitos vinte por ano, ia automaticamente para o Senado com assento vitalício. Eles se reuniam regularmente, debatiam, aconselhavam os cônsules e expediam decretos, que na prática eram geralmente obedecidos — embora, por não terem força de lei, havia sempre a incômoda questão do que iria acontecer se um decreto do Senado fosse ridicularizado ou simplesmente ignorado. Sem dúvida, o comparecimento oscilava, mas nessa reunião em particular a casa certamente estava cheia.

Quanto ao ambiente, parece suficientemente romano, mas, com aquela imensa coluna estendendo-se a perder de vista e o luxuoso mármore de cor clara revestindo as paredes, é majestoso demais em

relação a praticamente qualquer coisa que houvesse em Roma naquele período. A imagem moderna que temos da antiga cidade como uma extravagância em larga escala de mármore reluzentes não é inteiramente equivocada. Mas isso é um desdobramento posterior da história de Roma, iniciado com o advento do governo de um só homem sob os imperadores e com a primeira exploração sistemática das pedreiras de mármore de Carrara, no norte da Itália, mais de trinta anos após a crise de Catilina.

A Roma da época de Cícero, com cerca de 1 milhão de habitantes, ainda era construída em sua maior parte com tijolo ou pedra local, um labirinto de ruas sinuosas e becos escuros. Um visitante que viesse de Atenas ou Alexandria no Egito, que de fato tinham muitos edifícios no estilo da pintura de Maccari, acharia o lugar inexpressivo, para não dizer sórdido. Era um tamanho caldo de doenças que um médico romano escreveu que você não precisava ler manuais para pesquisar a malária — ela estava por toda parte na cidade de Roma. O mercado de aluguel em tortiços oferecia acomodações precárias para os pobres, mas bom lucro para senhores inescrupulosos. O próprio Cícero tinha muito dinheiro investido em propriedades de baixo nível, e uma vez fez piada do assunto, mais por arrogância do que por constrangimento, dizendo que até os ratos haviam feito as malas e saído de um de seus degradados blocos de casas alugadas.

Alguns dos romanos mais ricos já começavam a despertar desaprovação por causa de suas luxuosas casas particulares, com pinturas elaboradas, estátuas gregas elegantes, mobília pomposa (mesas com uma perna só eram motivo particular de inveja e inquietação), até colunas de mármore importado. Havia também um punhado de edifícios públicos de porte majestoso, construídos (ou revestidos) com mármore, que davam um vislumbre da face luxuosa da cidade que estava por vir. Mas o local da reunião de 8 de novembro não tinha nada a ver com isso.

Cícero convocara os senadores para se reunirem, como faziam com frequência, num templo: dessa vez, um edifício velho e modesto dedicado ao deus Júpiter, perto do Fórum, no centro da cidade, construído segundo a planta retangular padrão, e não com a

estrutura semicircular da fantasia de Maccari — provavelmente um local pequeno e pouco iluminado, com lâmpadas e tochas que mal compensavam a falta de janelas. Devemos imaginar algumas centenas de senadores apinhados num espaço abafado, apertado, alguns sentados em cadeiras ou bancos improvisados, outros em pé, acotovelando-se sob alguma venerável e antiga estátua de Júpiter. Foi seguramente uma ocasião marcante na história de Roma, mas com igual certeza, como ocorria com muitas coisas em Roma, bem menos elegante na realidade do que gostaríamos de imaginar.

Triunfo — e humilhação

A cena que se seguiu não foi recriada por pintores movidos por admiração. Catilina saiu da cidade para se juntar aos que o apoiavam, reunidos num exército fora de Roma. Enquanto isso, Cícero montara uma inteligente operação secreta para desmascarar os conspiradores que ainda haviam ficado na cidade. Estes, de maneira irrefletida, como se viu mais tarde, tentaram envolver na conspiração uma delegação de gauleses que tinham vindo a Roma reclamar que eram explorados pelos governadores romanos das províncias. Por qualquer razão que fosse — talvez nada mais profundo do que um instinto de apoiar o vencedor —, esses gauleses decidiram trabalhar em segredo para Cícero, e conseguiram fornecer evidências conclusivas de nomes, lugares, planos e mais algumas cartas com informações incriminadoras. Seguiram-se prisões, assim como as costumeiras desculpas não convincentes. Quando a casa de um dos conspiradores foi encontrada abarrotada de armas, o homem alegou inocência dizendo que colecionava armas por hobby.

Em 5 de dezembro, Cícero convocou novamente o Senado, para discutir o que fazer com os homens agora sob custódia. Dessa vez os senadores se reuniram no templo da deusa Concórdia, ou Harmonia, um claro sinal de que os negócios de Estado eram tudo exceto harmoniosos. Júlio César fez a ousada sugestão de aprisionar definitivamente os conspiradores detidos: segundo um relato, até que pudessem ser adequadamente julgados quando a crise terminasse, e, segundo outro relato, pelo resto da vida. Sentenças de prisão não

eram as penalidades de escolha no mundo antigo, já que os cárceres eram pouco mais que um local onde os criminosos ficavam aguardando sua execução. Multas, exílio e morte compunham o repertório usual de punições romanas. Se César de fato defendeu a prisão perpétua em 63 a.C., então talvez tenha sido a primeira vez na história do Ocidente que isso foi sugerido como alternativa para a pena de morte, e sem sucesso. Confiando no decreto de poderes emergenciais, e no vociferante apoio de muitos senadores, Cícero mandou executar os homens sumariamente, sem nem sequer um julgamento de fachada. Em tom triunfal, anunciou as execuções a uma multidão exaltada, usando um famoso eufemismo de uma só palavra: *vixere*, "eles viveram" — isto é, "eles estão mortos".

Em poucas semanas, as legiões romanas derrotaram as forças do exército de descontentes de Catilina no norte da Itália. O próprio Catilina caiu lutando bravamente à frente de seus homens. O comandante romano Antônio Híbrida, colega cônsul de Cícero, disse estar com dores nos pés no dia da batalha final, e passou a liderança para o seu número dois, levantando suspeitas em alguns setores a respeito de suas reais simpatias. E não foi o único que teve suas motivações questionadas. Já foram feitas as especulações mais malucas, certamente inconclusivas, voltadas para o mundo antigo, sobre quais homens muito mais destacados teriam dado seu secreto apoio a Catilina. Teria sido ele na verdade o agente do sorratão Marco Crasso? E qual teria sido de fato a posição de César?

De qualquer modo, a derrota de Catilina foi uma vitória notável para Cícero; e seus apoiadores o apelidaram de *pater patriae*, ou "pai da Pátria", um dos títulos mais esplêndidos e lisonjeiros que você poderia ganhar em uma sociedade extremamente patriarcal como Roma. Mas seu sucesso logo se tornou amargo. Já no seu último dia como cônsul, dois de seus rivais políticos impediram-no de fazer o usual discurso de despedida em um encontro com o povo romano: "Aqueles que puniram os outros sem uma audiência", insistiram eles, "não têm direito de ser ouvidos". Poucos anos depois, em 58 a.C., o povo romano votou, em termos gerais, pela expulsão de qualquer pessoa que tivesse levado um cidadão à morte sem

juízo. Cícero saiu de Roma, pouco antes de ter sido aprovada outra lei que o condenava nominalmente ao exílio.

Até aqui nesta história, o *Populus(que) Romanus* (o PQR do SPQR) não desempenhou um papel de muito destaque. O "povo" era um corpo maior e mais amorfo do que o Senado, este era composto em termos políticos por cidadãos romanos, todos homens; as mulheres não tinham direitos políticos formais. Em 63 a.C. havia cerca de 1 milhão de homens espalhados pela capital e pela Itália, afora uns poucos além desses limites. Na prática, a noção de "povo" costumava abranger os poucos milhares ou centenas que, em qualquer ocasião particular, decidiam aparecer nas eleições, votações ou encontros na cidade de Roma. O quanto exatamente o povo exercia influência sempre foi — mesmo no mundo antigo — uma das grandes controvérsias da história romana; mas duas coisas são certas. Naquela época, só eles podiam eleger as autoridades políticas do Estado romano; não importa o quanto você fosse de sangue azul, só poderia ocupar um cargo, digamos, de cônsul, se o povo romano o elegesse. E apenas eles, e não o Senado, podiam fazer as leis. Em 58 a.C., os inimigos de Cícero argumentaram que, qualquer que fosse a autoridade que Cícero tivesse reivindicado por meio do decreto do Senado de prevenção ao terrorismo, suas execuções dos seguidores de Catilina haviam desconsiderado o direito fundamental de qualquer cidadão romano a um julgamento justo. Cabia ao povo exilá-lo.

Aquele que havia sido o "pai da Pátria" passou um ano terrível no norte da Grécia (sua abjeta autopiedade não desperta simpatia), até que o povo votou por tê-lo de volta. Ele foi recebido e aclamado por seus apoiadores, mas sua casa na cidade havia sido demolida e, como para trazer à baila o aspecto político, um santuário a Libertas havia sido erigido no local. Sua carreira nunciu foi completamente reabilitada.

Escrevendo a respeito

As razões pelas quais podemos contar essa história com tantos detalhes são muito simples: os próprios romanos escreveram muito sobre ela, e boa parte do que escreveram sobreviveu. Os historiadores modernos com frequência lamentam o pouco que podemos saber sobre

certos aspectos do mundo antigo. "Basta pensar naquilo que não sabemos sobre a vida dos pobres", queixam-se, "ou sobre os pontos de vista das mulheres". Mas além de anacrônico isso é enganoso. Os escritores da literatura romana *eram* quase exclusivamente homens; ou, ao menos, pouquíssimas obras escritas por mulheres chegaram até nós (a autobiografia da mãe do imperador Nero, Agripina, foi uma das perdas mais tristes da literatura clássica). Esses homens eram quase todos ricos, embora alguns poetas romanos gostassem de fingir, como os poetas ainda fazem às vezes, que passavam fome em sótãos. As queixas, no entanto, omitem um ponto bem mais importante.

O fato isolado mais extraordinário sobre o mundo romano é que tenha sobrevivido tanta coisa daquilo que os romanos escreveram, e por mais de dois milênios. Temos poesia, cartas, ensaios, discursos e histórias, aos quais já me referi, mas também novelas, tratados, sátiras e resmas e resmas de escritos técnicos sobre tudo, de engenharia hidráulica a medicina. A sobrevivência ocorreu em grande parte graças à diligência de monges medievais, que transcreveram à mão, várias e várias vezes, aquelas que acreditavam ser as obras mais importantes ou úteis da literatura clássica, e com uma contribuição significativa, mas com frequência esquecida, de sábios islâmicos medievais, que traduziram para o árabe um pouco da filosofia e do material científico. E graças a arqueólogos que têm escavado papíros das areias e dos depósitos de entulho do Egito, e encontrado tábuas de madeira com inscrições em bases militares romanas do norte da Inglaterra, e lápides fúnebres eloquentes de todo o Império, podemos ter vislumbres da vida e das cartas de alguns habitantes comuns do mundo romano. Há bilhetes enviados para casa, listas de compras, livros contábeis e mensagens inscritas em túmulos. Mesmo que isso seja uma pequena proporção do que já existiu um dia, temos acesso a mais literatura romana — e mais escritos romanos em geral — do que qualquer pessoa poderia hoje dominar em profundidade no curso de uma vida inteira.

Bem, mas de que modo, exatamente, ficamos sabendo do conflito entre Catilina e Cícero? A história chegou até nós por vários caminhos, e em parte é essa variedade que a torna tão rica. Há relatos

breves nas obras de diversos historiadores romanos antigos, incluindo uma biografia do próprio Cícero — todas escritas cem ou mais anos após os acontecimentos. Mais importante e revelador é um longo e detalhado ensaio da Guerra contra Catilina, ou *Bellum Catilinae*, para usar o que deve ter sido seu título original. Foi escrito apenas vinte anos após a "guerra", em 40 a.C., por Caio Salústio Crispo [Gaius Sallustius Crispus]. Um "homem novo", assim como Cícero, amigo e aliado de Júlio César, com uma reputação política controversa: seu período como governador romano no norte da África foi execrável, mesmo para os padrões romanos, cheio de episódios de corrupção e extorsão. Mas apesar de sua carreira pouco palatável, ou talvez até por isso, o ensaio de Salústio é uma das peças de análise política mais agudas que sobreviveram do mundo antigo.

Salústio não narra simplesmente o desdobramento da história da tentativa de levante, suas causas e seu desfecho. Ele usa a figura de Catilina como um emblema dos fracassos mais amplos da Roma do século I a.C. Na visão de Salústio, a fibra moral da cultura romana havia sido destruída pelo sucesso da cidade, e também pela riqueza, ambição e ânsia de poder que irromperam após a conquista do Mediterrâneo e o esmagamento de seus maiores rivais. O momento crucial ocorrera 83 anos antes da guerra contra Catilina, quando, em 146 a.C., os exércitos romanos finalmente destruíram Cartago, a base de Aníbal no litoral norte da África. Depois disso, acreditava Salústio, não restaram ameaças importantes ao domínio romano. Catilina pode ter tido qualidades positivas, como Salústio admite, desde sua bravura em batalhas a seus extraordinários poderes de resistência: "era incrível sua capacidade de resistir à fome, ao frio ou à privação de sono". Mas ele simbolizou muito do que havia de errado na Roma de seu tempo.

Além do ensaio de Salústio há outros documentos eloquentes, que nos levam ao próprio Cícero e oferecem sua versão sobre o que aconteceu. Algumas das cartas que Cícero escreveu ao seu amigo mais íntimo, Tito Pomponio Ático [Titus Pomponius Atticus] — um homem rico que nunca entrou oficialmente para a política, mas que muitas vezes comandou as ações desde os bastidores —

mencionam suas relações de início amistosas com Catilina. Em meio a notícias domésticas, sobre o nascimento de seu filho ("Deixe-me contar, eu me tornei pai...") e a chegada de novas estátuas da Grécia para decorar sua casa, Cícero explica, em 65 a.C., que estava pensando em defender Catilina nos tribunais, na esperança de que ambos pudessem trabalhar juntos um dia.

De que modo essas cartas privadas caíram em domínio público é um pouco misterioso. O mais provável é que algum membro do círculo doméstico de Cícero tenha disponibilizado cópias após sua morte e que elas tenham rapidamente circulado entre leitores curiosos. No mundo antigo, nada disso foi publicado, no sentido que damos hoje ao termo. No total, sobrevivem cerca de mil cartas da correspondência de Cícero, que cobrem os últimos vinte anos de sua vida. Trazem revelações da autopiedade no exílio ("Tudo o que posso fazer é chorar") e de sua angústia com a morte da filha em trabalho de parto, e cobrem assuntos que vão desde agentes ladrões a divórcios na sociedade e às ambições de Júlio César. São alguns dos documentos mais intrigantes que temos da Roma Antiga.

Talvez ainda mais surpreendente que a própria sobrevivência do material é uma parte de um longo poema que Cícero escreveu para celebrar as realizações de seu consulado; o poema não está mais completo, mas ficou suficientemente fumoso, ou mal-afamado, para que mais de setenta linhas dele fossem citadas por outros escritores antigos e pelo próprio Cícero em obras posteriores. Faz parte desse poema um célebre verso em latim burlesco que fez sucesso na Idade das Trevas: "*O fortunatum natum me consule Romanum*" — uma aliteração indicando algo como "Roma, que Estado afortunado / Por ter nascido no meu consulado". E, no que tem sido visto como uma grande falta de modéstia, embora um pouco hilarante, Cícero parece sugerir que participou de uma "assembleia dos deuses" na qual nosso sobre-humano cônsul discute com o divino Senado no Monte Olimpo como deveria lidar com a conspiração de Catilina.

Por volta do século I a.C., a reputação e a fama em Roma dependiam da boca a boca e da publicidade, que às vezes era orquestrada de modo bem elaborado, até bizarro. Sabemos que Cícero tentou

persuadir um de seus amigos historiadores, Lúcius Lúccius, a escrever um relato enaltecedor de sua vitória sobre Catilina ("Gostaria imensamente", disse ele em uma carta, "que meu nome fosse colocado em boas luzes no seu escrito"); e Cícero também esperava que um poeta grego da moda, cujo complicado processo de imigração ele havia defendido nos tribunais romanos, compusesse um justo poema épico sobre o mesmo assunto. No entanto, ele mesmo teve que escrever seu próprio tributo em versos. Alguns poucos críticos modernos tentaram, de modo não muito convincente, defender a qualidade literária da obra, e até mesmo daquele que se tornou seu verso mais conhecido ("*O fortunatam natam...*"). A maioria dos críticos romanos cujos pontos de vista sobre o tópico sobreviveram, satirizaram não só a vaidade da empreitada como sua linguagem. Até um dos maiores admiradores de Cícero, um aplicado estudioso de suas técnicas de oratória, lamentou que "ele tenha passado tanto dos limites". Outros ainda ridicularizaram ou parodiaram o poema.

Mas o acesso mais direto que temos aos eventos de 63 a.C. vem dos manuscritos de alguns dos discursos que Cícero fez na época do levante. Dois deles foram pronunciados em encontros públicos do povo romano, nos quais ele informou a respeito do progresso das investigações sobre a conspiração de Catilina e anunciou a vitória sobre os dissidentes. Um foi a contribuição de Cícero ao debate no Senado em 5 de dezembro, que determinou a pena adequada para aqueles que estavam presos. E o mais famoso de todos foi o discurso proferido também no Senado em 8 de novembro, denunciando Catilina com as palavras que devemos imaginar que estavam saindo de sua boca na pintura de Maccari.

O próprio Cícero provavelmente fez circular cópias de todos os discursos após terem sido proferidos. E, ao contrário de seus esforços na poesia, esses logo se tornaram clássicos da literatura latina, admirados e muito citados, e ótimos exemplos de grande oratória a serem aprendidos e imitados pelos estudantes romanos e futuros oradores públicos durante o restante da Antiguidade. Eram lidos e estudados até por quem não era fluente em latim. Isso certamente aconteceu no Egito romano quatrocentos anos mais tarde. As cópias sobreviventes

mais antigas desses discursos — agora apenas pequenos fragmentos de textos originais mais longos — foram encontradas em papíros datados dos séculos IV ou V da nossa era. Eles contêm o texto original e uma tradução para o grego. Devemos imaginar alguém no Egito que falasse grego, pensando para lidar com a língua original de Cícero.

Muitos estudantes que vieram depois também enfrentaram dificuldades. Esses quatro célebres discursos, *Contra Catilina* (*In Catilinam*) ou *Catilinárias*, como ficaram conhecidos, acabaram incorporados às tradições educacionais e culturais do Ocidente. Copiados e difundidos pelos mosteiros medievais, serviram para treinar gerações de alunos em latim e foram analisados em profundidade como obras-primas literárias por intelectuais da Renascença e teóricos de retórica. Até hoje, eles continuam servindo como modelo de oratória da persuasão, cujas técnicas estão implícitas em alguns dos mais famosos discursos atuais, incluindo os de Tony Blair e Barack Obama.

Não demorou muito tempo para que as palavras de abertura do discurso proferido por Cícero em 8 de novembro (*a Primeina Catilinária*) se tornasse uma das citações mais conhecidas do mundo romano: "*Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?*" ["Por quanto tempo, Catilina, continuarás abusando de nossa paciência?"]; e, na sequência, veio o slogan mordaz e ainda muito repetido "*O tempora, e mores*" ["Ó, em que mundo vivemos!"], ou, literalmente, "Ó, que tempos, que costumes". Na realidade, a frase "*Quo usque tandem...*" já devia estar enraizada na consciência literária romana à época em que Salústio escrevia seu relato sobre a "guerra", apenas trinta anos mais tarde. E tão enraizada que, numa ironia intencional ou brincalhona, Salústio pôde colocá-la na boca de Catilina. "*Quae quo usque tandem patientini, o fortissimi viri?*" ["Por quanto tempo vocês continuarão suportando isso, meus valentes?"] é como o revolucionário retratado por Salústio ataca seus seguidores, lembrando-os das injustiças que vinham sofrendo nas mãos da elite. As palavras são puramente imaginárias. Escritores antigos normalmente escreviam discursos para os seus protagonistas do mesmo jeito que historiadores modernos gostam de atribuir sentimentos ou motivações a seus

personagens. A piada aqui é que Catilina, maior inimigo de Cícero, é posto a verbalizar o slogan mais famoso de seu antagonista.

Essa é apenas uma das estranhas ironias e das "citações errôneas", espirituosas e paradoxais, na história dessa frase singular. Ela com frequência surgia na literatura romana toda vez que se fazia referência a projetos revolucionários. Apenas alguns anos depois de Salústio, Tito Lívio [Titus Livius], mais conhecido como Lívio, estava escrevendo sua história de Roma desde os primórdios, originalmente em 142 "livros" — um vasto projeto, mesmo considerando que um livro antigo equivalia ao que coubesse num rolo de papiro, ou o equivalente a um único capítulo de um livro moderno. O que Lívio disse sobre Catilina se perdeu. Mas quando ele tentou captar os conflitos civis ocorridos centenas de anos antes, em particular a "conspiração" de um certo Marco Mânlio [Marcus Manlius], que no século IV a.C. teria incitado os pobres de Roma a se rebelarem contra o domínio opressivo da elite, voltou a uma versão das clássicas palavras, "*Quo usque tandem ignorebitis vires vestras?*" ["Por quanto tempo continuareis ignorando vossa força?"], foi isso o que ele imaginou Mânlio perguntando a seus seguidores para fazê-los compreender que, por pobres que fossem, tinham o potencial para vencer.

A questão aqui não é sobre uma mera repercussão da linguagem. Não é tampouco sobre a figura de Catilina como símbolo de vilania, embora ele certamente desempenhe esse papel com suficiente frequência na literatura romana. Seu nome veio a ser usado como um apelido para imperadores impopulares, e meio século mais tarde Públio Virgílio Maro [Publius Vergilius Maro], ou Virgílio, como costuma ser chamado hoje, deu a Catilina uma participação especial na *Eneida*, em que o vilão é retratado sendo torturado no submundo, "tremendo diante das Fúrias". Mais importante é a maneira pela qual o conflito entre Catilina e Cícero tornou-se um poderoso modelo para entender a desobediência civil e a insurreição ao longo da história romana e além dela. Toda vez que historiadores romanos escreveram sobre revolução, a imagem de Catilina quase sempre esteve implícita em seus relatos, mesmo à custa de algumas estranhas inversões cronológicas. Como as palavras cuidadosamente escolhidas

por Lívio sugerem, Marco Mânlio, um nobre que aderiu a uma revolução fracassada, apoiado por uma turba empobrecida, foi retratado em grande medida como uma projeção de Catilina recuada para os primórdios de Roma.

O outro lado da história

Será que não existe outro lado nessa história? As evidências detalhadas que temos a partir dos escritos de Cícero, do seu ponto de vista, significam que sua perspectiva será sempre dominante. Mas não significa necessariamente que seja verdadeira em qualquer sentido simples, ou que seja a única maneira de ver as coisas. As pessoas têm se impressionado há séculos com a riqueza do relato que Cícero nos oferece, e têm detectado pontos de vista e interpretações alternativas logo abaixo da superfície de sua versão dos fatos. O próprio Salústio faz alusões a isso. Porque, embora seu relato seja muito influenciado pelos escritos de Cícero, ao transferir o famoso "*Quo usque tandem*" da boca de Cícero para a de Catilina, ele pode ter lembrado a seus leitores que os fatos e suas interpretações eram, no mínimo, fluidos.

Uma questão óbvia é se o discurso que conhecemos como a *Primeira Catilinária* é realmente o que Cícero disse aos senadores reunidos no Templo de Júpiter em 8 de novembro. Difícil supor que se trate de algo totalmente inventado. Como Cícero poderia ter lidado com o fato de fazer circular uma versão que não tivesse relação com o que ele acabara de dizer? Mas provavelmente não é algo que corresponda palavra por palavra. Se ele falou a partir de anotações, então o texto que temos presumivelmente situa-se em algum ponto entre o que ele lembrou de ter dito e o que ele teria gostado de dizer. Mesmo que Cícero estivesse lendo um texto relativamente completo, ao fazê-lo circular entre amigos, associados e aqueles que queria impressionar, ele o teria melhorado de alguma forma, ajeitando as pontas soltas e inserindo alguns comentários curtos que pudessem ter sido esquecidos ou fugido de sua mente no dia do discurso.

Também há muita indefinição sobre quando exatamente ele o fez circular e por quê. Sabemos por meio de uma de suas cartas a Ático que Cícero estava providenciando uma cópia da *Primeira*

Catilina em junho de 60 a.C., quando já deveria estar ciente de que a controvérsia sobre sua ordem de executar os "conspiradores" provavelmente não iria arrefecer. Teria sido tentador e conveniente para Cícero usar a versão escrita do seu discurso em defesa própria, mesmo que isso implicasse alguns ajustes e inserções estratégicos. Na realidade, as repetidas referências a Catilina, na versão de que dispomos, como sendo um inimigo estrangeiro (em latim, *hostis*) podem muito bem ser uma das maneiras pelas quais Cícero reagiu aos seus opositores: ao se referir aos conspiradores como inimigos do Estado, deixava implícito que eles não mereciam a proteção da lei romana; teriam perdido seus direitos civis (incluindo o direito a julgamento). Talvez isso já tivesse sido um *leitmotiv* na versão oral do discurso proferida em 8 de novembro? Simplesmente não sabemos. Mas o termo certamente assumiu um significado maior — e tenho fortes suspeitas de que lhe foi dada ainda mais ênfase na versão final, escrita.

Essas questões nos levam a procurar com maior afino outras versões da história. Independentemente da perspectiva de Cícero, será que é possível ter alguma ideia de como a questão toda era vista por Catilina e seus apoiadores? A versão de Cícero hoje domina a evidência contemporânea a respeito de medos do século I a.C. Mas sempre vale a pena tentar ler essa versão, ou qualquer versão da história romana, "a contrapelo", para abrir pequenas rachaduras na história usando fragmentos de alguma evidência independente que tivermos à disposição, e perguntar se outros observadores não teriam visto as coisas de modo diferente. Será que aqueles que Cícero descreve como vilões monstruosos eram de fato como ele os pintava? Em relação a isso, temos o suficiente para levantar algumas dúvidas sobre o que realmente estava acontecendo.

Cícero coloca Catilina como um bandido com terríveis dívidas de jogo, decorrentes exclusivamente de suas imperfeições morais. Mas a situação não pode ter sido tão simples assim. Havia uma espécie de crise do crédito na Roma em 63 a.C., e mais problemas econômicos e sociais do que Cícero estava disposto a admitir. Uma das realizações do seu "grande consulado" foi barrar uma proposta

de distribuir terras na Itália para alguns pobres da cidade. Em outras palavras, se Catilina se comportava como um bandido, ele pode ter tido boas razões para isso, e contado com o apoio de muitas pessoas comuns levadas a medidas desesperadas por similares aflições.

Como saber? É mais difícil reconstruir a economia do que a política de 2 mil anos atrás, mas tivemos alguns vislumbres inesperados. A evidência fornecida pelas moedas que sobreviveram daquele período é bastante reveladora, tanto das condições da época como da capacidade dos modernos historiadores e arqueólogos de explorar o material que têm em mãos de maneiras engenhosas. Muitas moedas romanas podem ser datadas com precisão, porque nesse período eram refeitas a cada ano e "assinadas" pelas autoridades responsáveis por emití-las. Eram produzidas à mão usando-se uma série de cunhas (ou "estampas") individuais, cujas pequenas diferenças nos detalhes ficavam ainda visíveis nas moedas prontas. Podemos calcular de modo aproximado quantas moedas uma cunha individual era capaz de estampar (antes que ficasse desgastada demais para produzir uma imagem nítida), e se tivermos uma amostra grande o suficiente podemos estimar, grosso modo, quantas cunhas foram usadas no total para a produção de uma única emissão. Com isso, pode-se ter uma



4. Esta moeda de prata foi cunhada em 63 a.C., e seu desenho mostra um romano do povo votando uma lei ao depositar uma tabuleta de votação numa urna para contagem. As diferenças nos detalhes entre as duas versões ilustram bem as diferenças nas cunhas de gravação. O nome do oficial encarregado da cunhagem naquele ano, Longinus, também aparece estampado na moeda.

idade geral de quantas moedas foram emitidas em cada ano: quanto mais cunhas, mais moedas, e vice-versa.

De acordo com esses cálculos, o número de moedas cunhadas no final da década de 60 a.C. caiu tanto que ao todo havia menos moedas em circulação do que alguns anos antes. Não somos capazes de detectar as razões disso. Do mesmo modo que a maior parte dos Estados anteriores ao século XVIII, ou mesmo depois, Roma não tinha uma política monetária como tal, nem quaisquer instituições financeiras onde esse tipo de política pudesse ser implantada. Mas as prováveis consequências são óbvias. Quer Catilina tenha imprudentemente perdido sua fortuna no jogo ou não, ele — e muitos outros — pode ter ficado sem dinheiro; e aqueles já endividados tinham que enfrentar credores exigindo o pagamento de seus empréstimos.

Tudo isso se somava aos outros fatores de longa data que poderiam ter dado aos humildes e aos que nada tinham um incentivo para protestar ou se juntar àqueles que prometeram uma mudança radical. Havia a enorme disparidade entre ricos e pobres, as condições de vida eram precárias para grande parte da população e, provavelmente, na maior parte do tempo, se não inanição, havia no mínimo a questão da fome crônica. Apesar das descrições de Cícero depreciando os seguidores de Catilina como depravados, bandidos e destituídos, a lógica do parte de seu relato, e do de Salústio, sugere outra coisa. Pois as descrições deixam patente ou implícito que o apoio a Catilina evaporou-se quando foi relatado que ele tentava atear fogo à cidade. Nesse caso, não estamos lidando com bandidos e gente totalmente marginalizada que não teria nada a perder — e tudo a ganhar — de uma total conflagração. Muito mais provável é que entre seus apoiadores estivessem os pobres e humildes que ainda tinham alguma chance de sobreviver na cidade.

Cícero, inevitavelmente, se interessava em maximizar o perigo que Catilina representaria. Independentemente de seu sucesso político, Cícero ocupava uma posição precária no topo da sociedade romana, entre famílias aristocráticas que afirmavam ter, como Catilina, uma linha direta com os fundadores da cidade, ou mesmo com os deuses. A família de Júlio César, por exemplo, orgulhava-se de poder traçar sua

linhagem até a deusa Vênus; outra família, mais curiosamente ainda, afirmava descender da igualmente mítica Pasífae, esposa do rei Minos, cujo extraordinário acasalamento com um touro produziu o Minotauro. A fim de garantir sua posição nestes círculos, Cícero sem dúvida estava procurando fazer estardalhaço em seu ano como cônsul. O ideal seria sido uma impressionante vitória militar contra um inimigo bárbaro — era o que a maioria dos romanos teria sonhado. Roma sempre foi um Estado guerreiro, e uma vitória na guerra era o caminho mais seguro para a glória. Cícero, porém, não era soldado; ganhara destaque nos tribunais, e não ao conduzir seu exército contra estrangeiros perigosos. Ele precisava "salvar o Estado" de alguma outra forma.

Alguns comentaristas romanos observaram que a crise fez muito em favor de Cícero. Um panfleto anônimo, que atacava toda sua carreira, e foi conservado por se acreditar, erroneamente, que havia sido redigido por Salústio, declara explicitamente que ele "conduziu os problemas do Estado em prol de sua própria glória", chegando a ponto de afirmar que seu mandato como cônsul era "a causa da conspiração" em vez da sua solução. Colocada em termos diretos, para nós uma questão básica deveria ser não se Cícero exagerou os perigos da conspiração, mas sim, *o quanto* ele os exagerou.

Os cétricos mais obstinados de nossos dias consideram que a conspiração toda não passou de um produto da imaginação de Cícero — e

5. Esta lápide romana do século IV d.C. ilustra uma maneira simples de cunhar. A moeda em branco é colocada entre duas cunhas, apoiadas sobre uma bigorna. O homem à esquerda aplica ao "sanduíche" um pesado golpe com um martelo para realizar a impressão. Como sugerem as tenazes nas mãos do auxiliar à direita, a moeda foi aquecida para facilitar a impressão.



nesse caso o tal homem que afirmou ser "coleccionador de armas" talvez fosse exatamente isso, e as cartas incriminatórias teriam sido forjadas, a delegação de gauleses seria uma fraude completa do cônsul e os rumores de uma tentativa de assassinato, invenções. Uma visão tão radical parece implausível. Afinal, houve uma batalha corpo a corpo entre os homens de Catilina e as legiões romanas, que dificilmente poderia ser descartada como mera invenção. É bem mais provável que, quaisquer que tenham sido seus motivos originais, Catilina — um radical visionário ou um terrorista sem princípios — foi em parte movido a tomar medidas extremas por causa de um cônsul obcecado por luta e glória. Cícero pode até ter convencido a si mesmo, quaisquer que fossem as evidências, de que Catilina representava uma séria ameaça à segurança de Roma. Como sabemos a partir de muitos exemplos atuais, é assim que a paranoia política e o autointeresse costumam operar. Nunca teremos certeza absoluta. A "conspiração" sempre será um ótimo exemplo do dilema de interpretação clássico: será que havia de fato "revolucionários escondidos debaixo da tampa", ou a crise, pelo menos em parte, foi uma invenção dos conservadores? E também deveria funcionar como um lembrete de que, na história romana, como em outros contextos, é sempre bom estar alerta para o outro lado da história — e esse é em parte o argumento de todo este livro.

O nosso Catilina?

O confronto entre Cícero e Catilina tem servido desde então como modelo para conflitos políticos. Dificilmente poderíamos considerar coincidência o fato de a pintura de Maccari dos eventos de 8 de novembro ter sido encomendada, junto com outras cenas da história romana, para o salão do Palazzo Madama, que acabava de se tornar a sede do moderno Senado italiano; presume-se que a intenção era oferecer uma lição aos modernos senadores. E, ao longo dos séculos, os certos e errados da "conspiração", os respectivos defeitos e qualidades de Catilina e Cícero, e os conflitos entre segurança interna e liberdades civis, têm originado ferozes debates, não só entre os historiadores.

Em algumas ocasiões, essa história foi drasticamente reescrita. Uma tradição medieval da Toscana sustenta que Catilina sobreviveu à batalha contra as legiões romanas e virou um herói local, tendo um complicado envolvimento romântico com uma mulher chamada Bellica. Outra versão confere-lhe um filho, Uberto, e assim faz dele um ancestral da dinastia Uberti de Florença. Com mais imaginação ainda, a peça *Catilina*, de Prosper de Crébillon, que estreou em meados do século XVIII, invoca um caso amoroso entre Catilina e a filha de Cícero, Tília, com direito a róticos episódios em um templo romano.

Sempre que a conspiração foi representada em ficção ou no palco, houve algum ajuste de acordo com o alinhamento ideológico do autor e o clima político da época. A primeira peça de Henrik Ibsen, escrita na esteira das revoluções europeias da década de 1840, tem como tema os eventos de 63 a.C. Aquí, um Catilina revolucionário é confrontado com a corrupção do mundo em que vive, enquanto Cícero, que não poderia ter imaginado nada pior, quase desaparece dos eventos — nunca entra em cena e mal é mencionado. Para Ben Jonson, em contraste, que escreveu logo após a Conspiração da Pólvora, Catilina era um anti-herói sádico, tendo feito tal número de vítimas que, na fértil imaginação de Jonson, foi necessária uma frota inteira para transportá-las pelo rio Estige até o Reino dos Mortos. O seu Cícero tampouco desperta muita simpatia, mostrando-se um tagarela charíssimo; na verdade, tão chato que na primeira apresentação da peça, em 1611, muitas pessoas saíram durante as suas intermináveis acusações contra Catilina.

Jonson estava sendo injusto com os poderes de persuasão da oratória de Cícero — pelo menos se levarmos em conta o uso continuado de suas palavras, sempre citadas e estrategicamente adaptadas. Isso porque o discurso de sua *Primeira Catilina*, e especialmente sua famosa primeira frase ("Por quanto tempo, Catilina, continuarás abusando de nossa paciência?"), ainda está presente na retórica política do século XXI, e continua sendo usada atualmente em cartazes políticos, além de se encaixar convenientemente nos 140 caracteres de um *tweet*. Tudo o que você precisa fazer é substituir o nome de Catilina pelo do seu alvo específico. De fato, uma série de *tweets*

postados durante o tempo em que eu escrevia este livro mencionavam o nome "Catilina" junto com os dos presidentes dos Estados Unidos, da França e da Síria, o prefeito de Milão e o Estado de Israel: "*Quousque tandem abutere, Franciis Hollandi, patientia nostra?*". Quantos dos que agora adotam o slogan saberiam explicar de onde ele vem, ou do que se tratava o confronto entre Cícero e Catilina, é impossível saber. Talvez alguns sejam pessoas versadas nos clássicos, que defendem alguma causa política, mas dificilmente isso valerá para todos os que fazem objeções e protestos. O uso da frase aponta para algo bastante diferente da expertise em clássicos, e provavelmente mais importante. Sem dúvida, é um forte indicio de que, logo abaixo da superfície da política ocidental, o conflito, de lembrança vaga, entre Cícero e Catilina ainda age como modelo para as nossas lutas e discussões. A eloquência de Cícero, mesmo que só entendida parcialmente, ainda molda a linguagem da política contemporânea.

Cícero acharia isso o máximo. Quando escreveu ao amigo Luccius, pedindo ao historiador que celebrasse as façanhas do seu

consulado, esperava alcançar a fama eterna: "a ideia de que falei a meu respeito na posteridade me inclina para uma espécie de fé na imortalidade", declarou com um toque de bem premeditada modéstia. Luccius, como vimos, não aceitou. Deve ter sido dissuadido pelo descarado pedido de Cícero, propondo que "desprezasse as regras da história" e escrevesse os eventos de modo bem mais exagerado do que exato. Mas, no final, Cícero alcançou a imortalidade por seus feitos de 63 a.C. de forma mais eficiente do que a que Luccius poderia ter lhe dado, e continuou a ser citado repetidamente por mais de 2 mil anos.

Nos próximos capítulos, vamos encontrar mais conflitos políticos, interpretações controversas e às vezes também alguns ecos desconfortáveis dos nossos próprios tempos. Mas agora é hora de voltarmos as costas a esse terreno relativamente firme do século I a.C. e penetrar na história mais profunda de Roma. Como foi que Cícero e seus contemporâneos reconstruíram os primórdios de sua cidade? Por que as suas origens foram tão importantes para eles? O que significa perguntar "Onde Roma começou?". O quanto somos capazes, ou eram eles, de realmente conhecer a Roma primordial?



6. Em 2012, manifestantes húngaros contrários às tentativas do partido Fidesz de reescrever a Constituição ostentaram a famosa frase de Cícero, em latim. Mas ela foi usada não só no contexto político. Numa famosa discussão intelectual, Camille Paglia substituiu o nome de Catilina pelo do filósofo francês Michel Foucault: "Por quanto tempo, O Foucault...?".